

OS NÍVEIS DE EXISTENCIALIDADE NA SALA DE AULA

*Tânia Maria Marinho Sampaio**

A escola tem-se mantido através dos tempos como fator importante da evolução da humanidade, enfrentando toda sorte de reformas de ensino, sem alterar a sua natureza básica: que é a formação plena do indivíduo, não devendo jamais perder de vista a relação intrínseca da aquisição de conhecimentos com o próprio sentido da vida.

Hoje a escola enfrenta graves problemas em função da crise por que passam o ensino e a educação. Não há dúvida de que a educação é o grande problema que desafia educadores e cientistas sociais. Preocupa a todos e cada um procura, focalizando o problema segundo a área de conhecimento de sua especialidade, medir as conseqüências e alguns se permitem, até mesmo, formular soluções. No que diz respeito à Comunicação, uma das áreas de grande interesse do nosso século, vale a pena considerar a crise do ensino escolar sob o enfoque que lhe dão muitos professores. Segundo eles, a escola se utiliza principalmente do canal gráfico que, em relação aos demais canais de comunicação, está consideravelmente ultrapassado. Se, no passado, o canal gráfico era a única via de acesso à informação, se da leitura dependia o ingresso do indivíduo no universo informativo, hoje, sem saber ler, a criança dispõe de um acervo tão grande de informação, que a escola se lhe afigura uma instituição ultrapassada. Assim é que os canais visual e sonoro contam com um aparato tecnológico tão perfeito, que asseguram uma rápida e eficaz transmissão de mensagens, numa economia máxima de tempo, enquanto a leitura continua sendo um ato individual. Nota-se, então, que o hábito de ler vem sendo substituído pelo hábito de ver e ouvir. O lugar antes destinado à biblioteca, agora é ocupado pela aparelhagem de som, e as horas de lazer, antes destinadas à leitura, são gastas diante da televisão, dos jogos eletrônicos e dos micro-computadores entregues às crianças.

Os professores mais radicais, esquecendo-se num primeiro momento, de todo o patrimônio de uma cultura, e mais ainda de uma civilização, apontam

* Professora Adjunto da Universidade Federal Fluminense.

a falência do canal gráfico como responsável pela decadência da escola gráfica. E fazer livros cada vez mais ilustrados, afirmam eles, não resolveria o problema, apenas denunciaria o fim da escola de estrutura gráfica.

Sob o enfoque que aqui desejamos abordar, a escola toma uma outra imagem. Partiríamos do princípio de que o homem dispõe de duas visões do mundo, uma verbal e outra não-verbal. A primeira seria decorrência da inserção do indivíduo num discurso cultural e representaria o fundamento do ser social, enquanto a segunda, decorrente da natureza biológica, foneceria a base do ser psicológico. Diríamos, ainda, que a visão não-verbal é natural, muitas vezes inconsciente, apreendida a partir de um código biológico herdado, enquanto que a visão verbal é função de um processo racionalizante, apreendida a partir de um código de valores adquiridos pelo indivíduo. E é na aquisição da imagem verbal do mundo, que a escola desempenha uma parte muito importante do seu papel social.

Todos sabem que o ingresso do indivíduo na ordem social é marcado pelo seu nascimento, de modo que a família é responsável pela etapa inicial da formação do indivíduo, transmitindo-lhe a estrutura básica do discurso cultural. Mas, cabe à escola a iniciação à vida; isto é, ela prepara o indivíduo para assumir o lugar de homem concreto dentro da sociedade. A família é a primeira fonte produtora de mensagens verbais e a sua função é, praticamente, criar o ser nos seus aspectos lingüístico e social. Mas o desenvolvimento do ser lingüístico, sua preparação para atuar como sujeito da imagem verbal do mundo, é função da escola. Estas duas dimensões assinalam a evolução existencial do indivíduo, sendo a família encarregada principalmente da verbalização do indivíduo e a escola da verbalização do mundo. Mas nem a família nem a escola conseguem anular a existencialidade do indivíduo, cuja manifestação responde por certas incongruências do seu comportamento social.

O indivíduo participa assim de duas ordens existenciais ao mesmo tempo; uma estruturada a partir de uma visão verbal do mundo e outra articulada a partir de uma visão não-verbal. A existência verbal, de que depende inclusive o estatuto humano do indivíduo, é função de um processo racionalizante que reprime ou recalca a visão não-verbal. E a escola representa o local, por excelência, de aquisição da imagem verbal do mundo de realidade, que integra o indivíduo e o torna apto à existência verbal plena.

A ação da escola se exerce na sala de aula; e é o espaço de interação das duas dimensões existenciais do indivíduo que nos interessa fixar: é a sala de aula como um micro-universo significativo, a partir das coordenadas da existência verbal e não-verbal.

É na sala de aula que o indivíduo começa a modelar a realidade conceitual, sendo ao mesmo tempo modelado por ela. Modela à medida que reelabora a realidade objetiva como sujeito do discurso, e é modelado à medida que se deixa objetivar e impessoalizar-se no discurso cultural: é este jogo que ajusta as duas dimensões existenciais e sustenta o equilíbrio psico-social do indivíduo.

Ao tempo em que o indivíduo adquire a imagem verbal do mundo, ele próprio se torna um ser psico-lingüístico, capaz de manejar o discurso que realiza a sua natureza humana. Mas a verbalização da relação existencial do indivíduo com o mundo implica a marginalização da relação não-verbalizada, gerando o conflito em que se debate o indivíduo desde o momento em que enverga a pesada armadura verbal. É na sala de aula que esse conflito se realiza em toda a sua plenitude, levando o indivíduo à rebeldia e à agressividade, como forma de resistência à submissão.

Na verdade, a inserção do indivíduo na ordem da existência verbal, em que pese o caráter objetivante do discurso cultural, não anula a sua personalidade. A aquisição da imagem verbal do mundo não se processa passivamente; ao contrário, exige do indivíduo um esforço muito grande de subjetivação, ou seja, de adaptação da imagem verbal às motivações psicológicas, manifestando desse modo a sua personalidade. Não fosse isso, os indivíduos submetidos a padrões objetivos comuns, teriam todos o mesmo comportamento verbal, o que não acontece por força da emergência psicológica do ser na determinação verbal.

A postulação de uma existência verbal e de uma existência não verbal não pode ser entendida como duas ordens diferentes e antagônicas, mas como duas modalidades de manifestação da existencialidade. O indivíduo participa, simultaneamente, das duas como identidade e diferença. É sob esse aspecto que, a sala de aula se manifesta como um micro-universo, cujas coordenadas básicas, informação/formação, articula de fato as coordenadas existenciais, identidade/diferença.

E para explicar todas essas considerações, será necessário considerar o desempenho verbal e o não-verbal no quadro da complexa comunicação humana.

Conforme o assinalado, a escola é uma fonte de signos verbais com a finalidade de objetivar o mundo, propondo-o como realidade concreta em que se inserem as individualidades. A sala de aula como espaço de convergência das suas ordens de existência humana, uma verbal e psico-lingüística e outra não-verbal e psico-biológica, comporta-se como um micro-universo significativo em que se realiza a comunicação humana em toda a sua complexidade. Apreendendo a imagem verbal do mundo, assumindo uma condição lingüística que o capacita à existência humana, o indivíduo não perde, todavia, a condição intrapsíquica que o torna apto à existência não-verbal. E a escola, como as demais fontes verbais denominadas "instituições sociais", procura resolver o conflito através da interação, encaminhando o indivíduo para o equilíbrio psicológico-existencial. A interação configura um terceiro nível de relação, controlador e diluidor do conflito individual, que podemos denominar educação. A sala de aula, restritivamente, representa então esse espaço mesmo da interação, promovendo a adequação psicológico-existencial do indivíduo pelo nivelamento dos pólos aprendizagem/experiência, informação/formação, verbal/não-verbal etc.

Interação é comunicação interpessoal, de modo que a estrutura comunicacional é homóloga à complexa articulação do mundo verbal. Em função dessa homologia, partiremos da estruturação dos níveis da comunicação humana para a determinação da estrutura da existencialidade, circunscrita naturalmente, às duas dimensões existenciais propostas. Watzlawick esclarece este ponto:

"El aspecto referencial de un mensaje transmite información y, por ende, en la comunicación humana es sinónimo de contenido del mensaje. Puede referirse a cualquier cosa que sea comunicable al margen de que la información sea verdadera o falsa, válida o indeterminable. Por otro lado, el aspecto conativo se refiere a qué tipo de mensaje debe entenderse que es, y, por ende, en última instancia, a la relación entre los comunicantes".¹

1. Watzlawick, 1981, p. 62.

Deduz-se que uma comunicação não só transmite informação, mas também impõe condutas. Isto é, transmite uma informação e, ao mesmo tempo, o modo como se deve entender essa informação. Os técnicos em comunicação têm conhecimento deste fato ao trabalharem com computadores, já que para se comunicarem com organismos artificiais, os técnicos têm de oferecer os aspectos referencial e conativo, em termos de informação e ordens de operação.

O aspecto conativo de uma informação, por ser informação a respeito da própria informação, constitui um nível metacomunicacional, que é de suma importância para tornar uma comunicação eficaz.

Outra consideração importante diz respeito aos dois modos básicos da comunicação. Na cibernética verifica-se que há computadores que utilizam determinados princípios, chamados digitais, porque basicamente são calculadoras que trabalham com dígitos; e há outras classes que manejam magnitudes análogas aos dados, chamadas analógicas. Nos computadores digitais tanto os dados como as instruções são processados sob a forma de números, só existindo uma correspondência arbitrária entre a informação e sua expressão digital. Por outro lado, o princípio da analogia vem a constituir a essência de toda computação analógica.

Esses dois modos de comunicação, o digital e o analógico, podem ser verificados ainda na comunicação humana. Assim, ao referir-se a um objeto, o homem pode fazê-lo de duas maneiras diversas. Pode representá-lo por um semelhante, tal como um desenho, ou ainda mediante um nome escrito ou falado, quer dizer, a palavra. Estes dois tipos de comunicação - um mediante uma semelhança auto-explicativa e o outro, mediante a palavra, são equivalentes aos conceitos dos computadores analógicos e digitais, respectivamente.

Para a perspectiva aqui desenvolvida, é importante estabelecer a relação que existe entre os dois modos básicos da comunicação e os dois modos da existência humana em que se insere a individualidade o verbal e o não-verbal. Pressupõe-se que a comunicação analógica tem duas raízes em períodos muito mais antigos da evolução humana, acarretando uma validade muito mais ampla (em acordo com a natureza biológica do homem) que o modo digital da comunicação verbal, relativamente recente e muito mais abstrato. Levando a questão um pouco mais adiante, chegar-se-ia à conclusão que os dois modos básicos da comunicação, digital e analógico, além de serem concomitantes, se relacionam com o aspecto referencial e o conativo.

A comunicação digital se relaciona com o aspecto referencial, ou seja, a transmissão de informação, enquanto a comunicação analógica diz respeito ao aspecto conativo.

"En síntesis, si recordamos que toda comunicación tiene un aspecto relacional cabe suponer que comprobaremos que ambos modos de comunicación no sólo existen lado a lado, sino que se complementan entre si en cada mensaje".²

De imediato importa, para determinar o alcance verbal na aprendizagem, o modo digital da combinação ligado naturalmente ao aspecto referencial. A escola, como fonte de mensagens verbais, utiliza a comunicação digital, transmitindo informação a respeito das coisas e, desse modo, construindo a imagem verbal do mundo. Na sala de aula, mais precisamente, o conteúdo transmitido pela comunicação digital, de natureza verbal, entra em interação com o aspecto relacional da comunicação analógica de natureza não-verbal. E o que nos parece lícito chamar aprendizagem é a sobredeterminação do conteúdo, para num momento posterior se verificar a determinação que o aspecto conativo impõe ao aspecto referencial. Ou, a aprendizagem se apresentando como a adequação da existência verbal à existência não-verbal, para posteriormente chegar-se à resultante da sobredeterminação ou pontuação que o ser psico-biológico e individual exerce sobre o ser psico-lingüístico e social, qualificando o melhor possível o homem.

O desempenho verbal na aprendizagem, sob o aspecto da sala de aula, que é o espaço de configuração das relações que temos tentado elaborar, consiste em aportar informações sobre o mundo e o homem. Manifesta-se portanto na transmissão do conteúdo pelo uso da comunicação digital, ou seja, na produção de conhecimento. A primeira forma de conhecimento se dá através da percepção sensorial, de modo direto. O segundo nível de conhecimento consiste já num conhecimento do conhecimento, ou metaconhecimento.

"Sabemos primero que hay dos classes de conocimiento: conocimiento de las cosas y conocimiento acerca de las cosas. El primero es la percepción de los objetos que tenemos através de los sentidos; es lo que Bertrand Russell

2. Watzlawick, 1981, p. 65.

llamé 'conocimiento por familiaridad' o Langer 'un conocimiento muy directo y sensual. Es el tipo de conocimiento que tiene ne el perro de Pavlov al percibir el círculo o la elipse, un conocimiento que nada sabe acerca de lo percibido. Pero en la situación experimental, el perro pronto aprende también algo acerca de esas dos figuras geométricas, a saber, que de alguna manera indican placer y dolor, respectivamente, y que por lo tanto encierran un significado para su supervivencia. Así, si la percepción sensorial puede denominarse conocimiento de primer orden, este segundo conocimiento (acerca de un objeto) es conocimiento de un segundo orden. Es conocimiento acerca del conocimiento de primer orden y, por ende, metaconocimiento."³

É como segundo nível de conhecimento que se verifica a validade do desempenho verbal na aprendizagem. Sua competência é fornecer informação sobre os fatos percebidos, de forma que o indivíduo, conhecendo os objetos de sua experiência e apreendendo o significado deles para sua existência, alcance uma visão unificada do mundo, na qual se vê a si mesmo projetado, constituindo esta, uma visão de terceira ordem. O terceiro nível constitui assim, a imagem verbal do mundo que fundamenta e integra o indivíduo, dando sentido à sua existência enquanto ser psico-lingüístico. Daí que a exclusão do indivíduo desse nível resulte na perda da própria condição humana. A sala de aula, como espaço de interação, permite a configuração de um terceiro nível de conhecimento que é, de certo modo, a imagem verbal do mundo, corrigida por premissas de ordem psicológica e pessoal. Este terceiro nível é o equilíbrio das duas dimensões em que se insere a existência humana.

Agora podemos encaminhar a conclusão do nosso exame para a consideração do ser social, afirmando que a imagem verbal do mundo integra o indivíduo como ser social. É no desempenho verbal que ele encontra a explicação do mundo e o sentido de sua existência. E é na objetividade da imagem verbal do mundo que a escola exerce seu papel, fornecendo informações sobre os objetos e permitindo ao indivíduo conhecer o mundo.

3. Pottier, 1986, p. 54.

Todo o desenvolvimento até aqui apresentado foi orientado para a descrição da dimensão verbal, o que pretendemos ter alcançado com a ajuda da abstração científica, já que as duas dimensões mantêm entre si uma relação de pressuposição recíproca. Daqui em diante, trataremos do desempenho não-verbal, para no final desta apresentação, considerarmos então a interação entre as duas dimensões.

Numa sala de aula, as duas ordens existenciais humanas envolvem múltiplos processos interpessoais e grupais de competição, conflito, cooperação, coesão, conciliação, sub-agregações e sub-lideranças que pedem do professor ativa mobilização no plano da comunicação e da liderança. A linguagem verbal e a não-verbal do líder torna-se fator de integração e assume o papel de modelo com grande frequência. Só poderá aperfeiçoar sua função se procurar conhecer a articular as duas ordens da comunicação. E é neste sentido que estas duas propostas tendem proporcionar algumas indicações.

Se, de fato, conforme tentamos demonstrar que o desempenho verbal na aprendizagem consiste na apreensão da imagem do mundo, o desempenho não-verbal na aprendizagem consiste na atribuição de um sentido a essa imagem do mundo. Assim é que a sala de aula, enquanto espaço da interação, objetivando a realidade, obriga o indivíduo a buscar um sentido nas coisas, condição para que ele se integre à ordem do universo verbal.

Convém esclarecer que a sala de aula figura aqui por uma eleição de trabalho, não significando que o indivíduo, que não freqüentou uma sala de aula, tenha tido uma perda existencial sensível. O mundo em si é uma fonte verbal. A escola naturalmente representa uma economia de tempo, por fornecer uma imagem de mundo global e unificada, corrigindo na experiência teórica, a fragmentação da imagem de mundo da experiência pragmática. Acresce ainda o fato de que o componente não-verbal está presente em cada comunicação verbal concreta e não apenas na sala de aula. Mas, as observações que intentamos fazer se restringem ao espaço da sala de aula, sem querer com isso excluir a possibilidade de se analisar o componente não-verbal em outros espaços da atividade humana. O recorte deste espaço da sala de aula é determinado pela orientação psico-educacional que desejamos dar a esta sucinta reflexão.

Como instituição socializadora, ressocializadora e controladora do

comportamento individual e grupal, a escola se organiza em sub-unidades viabilizadoras do processo de grupo psico-educacional ensino/aprendizagem, dentro de um sistema de comunicação verbal e não-verbal variadíssimo.

Enquanto a comunicação verbal tem por objetivo a informação, já que sua função é fornecer uma imagem verbal do mundo capaz de integrar o indivíduo na qualidade de ser psico-lingüístico e social, a comunicação não-verbal diz respeito à formação, já que sua função é sobredeterminar esta imagem verbal do mundo. De modo que a manifestação verbal, articulada de forma muitas vezes consciente, é pontuada ou sobredeterminada pela manifestação não-verbal, articulada de forma inconsciente.

Há que se considerar o problema quanto aos dois pólos da comunicação, ou seja, a fonte e o destinatário, para evitar confusões de ordem operacional. A sala de aula, como fonte, se preocupa em fornecer informações sobre as coisas, sob o modo da comunicação digital preponderantemente; o modo como essas informações devem ser entendidas também vem expresso. Assim, o aspecto referencial ou de conteúdo, inclui o aspecto conativo que está implícito na instituição escola. As informações são previamente sobredeterminadas, isto é, induzem um modo de ser. É nesse sentido que se pode falar do desempenho da escola na orientação da conduta do indivíduo.

Desse modo, a sala de aula, não se limitando ao conteúdo, mas à forma de comunicar esse conteúdo, ou seja, o aspecto conativo que é da maior importância para realizar a tarefa de imposição de uma conduta, visa à formação global do indivíduo requerida pela ordem social que o ampara.

O outro pólo da questão é o destinatário. Ele não se limita a receber o conteúdo de forma passiva, como um repertório de mensagens alheias à sua existência. Seu esforço maior é atribuir um significado às informações objetivas recebidas, transformando-as assim em dados existenciais que são acrescentados à sua experiência individual. Formação é essa conversão de informações (mensagens verbais) em dados existenciais (mensagens não-verbais).

Mas a coisa não é tão simples como possa parecer, uma vez que ser psico-biológico e ser social são apenas duas dimensões existenciais. De modo que conduta social e conduta individual são as duas faces da moeda. De um

lado, o indivíduo objetiva sua personalidade no discurso cultural; de outro, o indivíduo subjetiva o discurso cultural, fazendo-o expressão de sua personalidade.

Dentro da existência verbal o homem é fundamentalmente um ser social, na medida em que objetiva sua personalidade. Já a ordem não-verbal, ao caracterizar fundamentalmente o ser psico-biológico, representa a manifestação da individualidade. E tudo isso se realiza numa simultaneidade, com todas as implicações de uma estrutura consciente e de outra inconsciente.

Descobrir a natureza dessa relação tem sido a preocupação maior das ciências sociais de um modo geral e, particularmente, da psicologia que investiga a estrutura psicológica do homem e da sociologia que estuda a estrutura social. O enfoque que fizemos a partir da comunicação, parece lançar uma luz nova na observação do ser individual, já que se tentou chegar ao fenômeno partindo-se do seu efeito concreto. Isto é, o grande problema para a psicologia estudar a mente humana é ter de partir dela própria, o que faz da mesma um estudo até certo ponto auto-reflexivo. Já o fato de partir de um dado externo observável, o componente não-verbal na manifestação verbal, poderá permitir uma observação mais objetiva do processo mental.

Por tudo afirmado, toma-se incontestável ser o homem um ser social. Mas esse ser social não é apenas a manifestação da identidade que é o ser psico-lingüístico, mas também uma diferença que é o ser psico-biológico. A relação identidade/diferença, projetada então no espaço da sala de aula, configura os pólos de articulação da aprendizagem, informação/formação. E é sob esse ângulo que a sala de aula se propõe como campo psico-educacional. Na sala de aula, tal como a propusemos, é possível desenvolver um trabalho sobre a dinâmica individual em termos de identidade/diferença e informação/formação, a partir da análise do componente não-verbal no processo verbal, cujos resultados podem ser de grande interesse para educadores e psicólogos. Se o estudo do processo verbal, a partir da teoria da comunicação, trouxe importante contribuição ao campo das ciências humanas, o estudo do processo não-verbal pode representar um novo avanço da ciência em direção ao homem.

Ainda é cedo para avaliar as múltiplas conseqüências do estudo da comunicação não-verbal para o pensamento científico. As experiências ainda são muito restritas e em áreas bastantes específicas, como é o caso da observação do comportamento animal que vem sendo desenvolvido pelos etólogos.

No que diz respeito à análise do comportamento não-verbal na comunicação verbal, além de as tentativas serem poucas, o nível da análise é ainda bastante superficial. Esses estudos consistem quase invariavelmente na interpretação dos gestos para a formulação de um código estático para decodificar manifestações reconhecidamente inconscientes. De modo que a esta altura da investigação do componente não-verbal no processo verbal da comunicação, não há possibilidade de trabalhos conclusivos. Principalmente quando se pretende relacionar o componente não-verbal com a natureza psicológica do homem.

Assim ao apontar para este micro-universo, pensamos ter (a par de uma modesta contribuição ao campo da psicologia educacional) aí encerrado a questão central que representa o fundamento das ciências humanas, no espaço-tempo projetado que é a sala de aula: o fundamento da experiência humana refletido na linguagem. Acusa-se desta maneira a linguagem, em suas duas ordens, verbal e não-verbal, como constituidora do pensamento científico moderno, seja indicando novos caminhos para ciências desde muito constituídas, como a psicologia, a antropologia, a sociologia, seja promovendo novas áreas de pesquisa que possibilitaram o aparecimento de novas ciências, como a linguística, a etologia, a teoria da comunicação.

BIBLIOGRAFIA

- ARGYLE, Michael. *A interação social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- CARROL, Ilhb B. *Psicologia da linguagem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- CHAUVIN, Rémy. *A etologia: estudo biológico do comportamento animal*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- HALL, Edward. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- HILGARD, Ernst R. *Teorias da Aprendizagem*. São Paulo, Epu, 1987.
- POTTIER, Bernard. *Presentación de la lingüística*. Madrid, Alcalá, 1986.
- SÁ, Adisia (comp.) *Fundamentos científicos da comunicação*. Petrópolis, 1983.

WATZLAWICK, Paul et alii. *Teoría de la comunicación humana*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1981.